

A figura humana de Jesus Cristo na obra *O evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago

Francisco Lucelio Marques¹
Faculdade Plus Educação
Rafael Martins Nogueira²
Universidade Federal do Ceará

Resumo

A história de Jesus Cristo sempre foi um assunto abordado pelas mais diversas entidades religiosas, assim como textos considerados sagrados. A bíblia cristã, por exemplo, é o texto mais famoso e um exemplo inquestionável da narrativa de vida da figura do salvador. Por seu valor inquestionável, os relatos bíblicos sempre foram vistos como a única versão da vida de Jesus. No entanto, em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, José Saramago se propõe a criar uma nova versão dos fatos e da vida deste personagem. O autor, conseqüentemente, agracia-nos com uma obra de valor inestimável para a literatura. Desta forma, o presente trabalho busca analisar a construção do personagem Jesus Cristo na obra de Saramago, citada anteriormente, observando como a personagem, embora cercada de santidade, é humana, como qualquer outra. Saramago, em seu romance, ensina-nos que, mesmo Jesus Cristo, o ser representacional da mais pura perfeição, era, contudo, passivo de tudo aquilo que pode afetar a experiência humana – um Jesus-homem.

Palavras-chave

Saramago. Jesus Cristo. Humano. Literatura.

Introdução

“Não estou interessado em leitores preguiçosos”.

¹ Especialista em Língua Portuguesa, Literatura Brasileira e Infantil, Faculdade Plus Educação Maraponga. luceliomarques13@yahoo.com

² Mestre em Linguística, Universidade Federal do Ceará. Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN) da Universidade Federal do Ceará (UFC). rafaelmnogueira@alu.ufc.br

(José Saramago)

Variadas são as obras literárias que entram para o rol dos grandes clássicos da literatura mundial. Essas obras eternizam-se pelo impacto atemporal e pelo seu teor ímpar. Assim, com uma obra considerada por muitos como polêmica ou transgressora, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991), de José Saramago, é uma dessas peças únicas e acrônicas que ainda hoje causa certa comoção entre seus leitores. José Saramago é um autor que deixou um legado literário extenso e peculiar para a humanidade. Sua forma de escrever particular, com longos parágrafos e com marcações em maiúsculo para os diálogos das personagens, sem fazer uso de travessões, inquieta seus leitores e os tiram da zona de conforto. Ao (re)contar uma história conhecida por grande parte da humanidade, a história de Jesus Cristo, fazendo referência ao texto bíblico – inquestionável, livre de julgamentos e dúvidas, a obra de Saramago se utiliza de personagens bíblicos e de elementos celestiais, causando estranhamento até mesmo pela crítica especializada, numa reinvenção artística e despida da imagem de Jesus Cristo, personagem central deste artigo, num viés comparativo e meta-historiográfico, como delimita Abreu (2010):

No romance percebemos a metahistória, que entende o estudo da história em uma multiplicidade de pontos de vista. Diante dessa perspectiva multifacetada, o valor documental de um texto narrativo literário se unifica ao valor do documento histórico e ajuda, até, a questionar o mesmo (2010, p. 29).

Na obra, constata-se a figura de um Jesus Cristo passível de todas as emoções, as frustrações, as angústias e as demais sensações, como qualquer outro ser humano. É uma versão humanizada da história de Cristo, retratado como 100% homem, livre de uma santidade e de uma sacralização, ao passo que a narrativa bíblica retrata Jesus enquanto uma figura divina, na medida em que Ele também é 100% Deus. Embora se saiba que algumas perspectivas teológicas fazem uma leitura de Cristo como um ser metade humano e metade Deus. No entanto, apontar uma “metade” é algo não consensual, isto é, matematicamente, falaríamos de 50% - 50%, mas não é o caso. Exemplo é o nascimento do Salvador, que é divinamente concebido, mas nasce por meio de um parto normal (Mt. 1.25; Lc. 2.7 e Gl. 4.4). Seu crescimento também é “normal” (Lc. 2.40-52 e Hb. 5.8). Eis a questão: a Bíblia, mesmo que pareça indicar uma metade (50%/50%), revoga-a, retratando Jesus plenamente humano e absolutamente divino, por isso 100% e 100%. Não há somente passagens que sinalizam a

humanidade de Cristo, há várias passagens que ressaltam também a divindade d'Ele (Rm. 9.5; Hb. 1.8; Jo. 1.1-3; 1.18; 20.28; At. 20.28; Tt. 2.13 e 2 Pd. 1.1).

E é nisto que, ao rol dos clássicos, vê-se adicionando mais uma grande obra. Por tratar da religiosidade e da humanização de Jesus Cristo como nunca fora feito antes, vê-se quanto possível é recriar histórias e transformá-las em leituras agradáveis, dignas dos clássicos, como faz Saramago. À vista disso, o romance de Saramago se torna um marco em sua carreira pelo fato de contrapor um personagem místico, sagrado e santificado agora mais humano, com dúvidas sobre seu destino, sua origem e sobre os motivos que o levaram ao seu destino.

Dessa forma, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* é “[...] uma narrativa que objetiva humanizar a figura de Jesus, desmistificando a divindade e colocando-a no plano de um ser comum, com vontades e desejos humanos” (COELHO, *et al.*, 2011, p. 1). Por isso, em linhas gerais, um dos direcionamentos deste artigo é observar, por meio de nossa análise, como a obra do autor aponta para uma visão humanizada da figura de Cristo, acarretando numa dessacralização do personagem bíblico. Para a verificação dessa humanização de Jesus Cristo, objetiva-se descrever a construção do personagem Jesus Cristo representado na obra.

As histórias bíblicas sempre foram aceitas, mesmo escritas há séculos atrás, como verdades inquestionáveis pelas religiões cristãs. Pelo contrário do que se pode pensar, embora ficção, a obra de Saramago não nega fatos relatados pela Bíblia. Ainda assim, por mais óbvio que pareça, é preciso considerar que a obra de Saramago deve ser lida como um “objeto literário e não sagrado” (COSTA, 2008, p. 1). Os acontecimentos na obra apresentam clareza de detalhes dos episódios da vida de Jesus, característica evidenciada, segundo Costa (2008, p. 2), por “um narrador que é profundamente conhecedor da Bíblia”. Logo, a obra orienta-se na busca de trazer Jesus do plano místico e sobrenatural para o plano da humanidade e da experiência humana.

1 Das sobras de sentido: autor, contexto e obra

José de Sousa Saramago nasceu em 16 de novembro de 1922, na aldeia de Azinhaga, na província do Ribatejo. Seus pais se mudaram para Lisboa em 1924, momento em que Saramago começou seus estudos. Seu primeiro emprego foi como serralheiro mecânico, profissão proveniente de um curso feito em uma escola profissionalizante. Depois desse,

também trabalhou como funcionário administrativo da saúde e da previdência social, além de editor, de tradutor e de jornalista. Mas o gosto pela literatura surgiu enquanto ainda trabalhava como serralheiro.

Na biblioteca pública de Lisboa, desenvolveu o hábito de ler e de escrever, refinando-se como um exímio escritor. Saramago foi autor de várias obras, dentre elas podemos destacar: *A Jangada de Pedra* (1986), *Ensaio sobre a Cegueira* (1995), *História do Cerco de Lisboa* (1989), *Terra do Pecado* (1947), *Manual de Pintura e Caligrafia* (1977). Saramago também foi agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura em 1998 – uma das maiores premiações (senão a maior) dedicada à literatura mundial. A academia considerou que o *Memorial do Convento* (1982) foi uma singular obra, relevante do ponto de vista histórico, criativo e literário.

Já como dito anteriormente, a obra que estamos a analisar carrega, desde o título, um produtivo elemento – o termo “evangelho”. É conhecimento de alguns que a palavra “evangelho” significa “as boas novas”. No tocante à obra de Saramago, ao contrastarmos como conhecimento teológico, é sabido que Jesus Cristo não escreveu nenhuma epístola bíblica. O que se sabe é que profetas e apóstolos, por inspiração divina, escreveram as sagradas escrituras. Nesse sentido, ao anunciar um evangelho contado segundo Jesus Cristo, Saramago, tal como fez em *História do Cerco de Lisboa*, participa de um movimento que parece crer que toda exploração da história é poética e é retórica por natureza (WHITE, 1995, p. 11).

2 Por um Jesus-homem

Jesus, mesmo sendo 100% homem e 100% Deus, é retratado com mais sentimentos inerentes à humanidade, de forma geral. Diríamos que a porcentagem humana não seria equivalente à divina, pois Jesus apresenta-se com dúvidas, medos, revoltas, questionando até Deus e Diabo, desconstruindo um tom divino, até mesmo sobrenatural. São questionamentos permeados de incertezas diante do futuro que o aguarda. Estando Jesus na busca de suas origens e dos motivos que o levaram ao seu destino, descobre um Deus que o usa com o propósito de engrandecer o seu próprio reinado. Nessa lógica, identifica-se a representação de Jesus humano como qualquer um de nós, apesar de seu destino e de sua ligação com Deus, por exemplo, podemos citar a apresentação de seu nascimento: “O filho de José e de Maria nasceu como

todos os filhos dos homens, sujo do sangue de sua mãe, viscoso das suas mucosidades e sofrendo em silêncio.” (SARAMAGO, 1991, p. 81). Como qualquer nascimento, nota-se o filho de Deus nascer por vias naturais, evento que não foi marcado por milagres e nem apreciado por um público de forma sublime. Assim, a obra não apresenta o nascimento de um salvador ou de um ser místico, mas de uma criança que se tornaria um grande líder. Isto é, Herodes foi alertado por um sacerdote de que alguém viria a nascer para tomar seu trono e se tornar rei. Consequentemente, Herodes manda matar todas as crianças recém-nascidas, contudo, os soldados vão à aldeia e assassinam 25 crianças.

Com efeito, a essência desse personagem tão humano está em suas ações, suas dúvidas, suas angústias na relação com sua família e, principalmente, na indignação da descoberta de seu destino. Ao conhecer o que Deus lhe reservara, Jesus o questiona, procurando entender os motivos desse flagelo. Por que Deus teria de sacrificar seu filho para que homens o idolatrem ainda mais? Por certo que o sacrifício é indagado como se em nome da vaidade. Tal como se a necessidade de Deus fosse a autoafirmação ou o aumento da quantidade de seguidores, no fim, poder e domínio por toda a Terra.

Na obra de Saramago, a humanidade de Jesus é abundantemente enfatizada. O texto é uma ode à humanização, diga-se uma ode despretensiosa por sua forma em prosa. Se pensarmos nas escrituras, Jesus é uma figura religiosa, espiritualizada, mística, alguém acima da humanidade, pois, mesmo sofrendo todas as mazelas impostas por seus algozes, Jesus aceita sua condição e seu destino. Já o personagem de Saramago, embora ainda aceite seu destino, somente o faz depois de muitos questionamentos, até mesmo a Deus.

Sobre como Jesus foi concebido, na obra de Saramago, verifica-se que seu nascimento é fruto de uma relação sexual entre seus pais, ao contrário da narrativa bíblica que defende a virgindade de Maria. Em *O Evangelho*, a origem divina de Cristo advém não de Maria, mas de José, pois, de acordo com o anjo:

O Senhor pôs a sua semente de mistura com a semente de José na madrugada em que concebeste pela primeira vez, e que, por conseguinte e consequência, legítimo, é que foi engendrado o teu filho Jesus (SARAMAGO, 1991, p. 309).

Desse modo, Deus, ao planejar a vinda de seu filho ao mundo, implantou sua essência em José e que, por consequência, engravidou Maria. O que se desconstrói, portanto, é o ar de divindade na figura da “virgem” Maria, pois, na obra, sua “graça” permanece no fato

de ela ser uma portadora das condições necessárias para a geração de um filho tão especial. Outro elemento que merece ser destacado deste trecho é que a concepção de Jesus, partindo de José e não de Maria, aponta para um caminho mais patriarcal. Isto é, José, como ser masculino, é o caminho para que o filho de Deus seja gerado. O fato de a semente divina ter sido implantada em José, de acordo com o romance, pode ser interpretada, ao nosso ver, por, no mínimo, dois caminhos: seja por um patriarcado (como se reconhece nas escrituras sagradas) ou uma simples reversão das escrituras (ao colocar não Maria, mas José na milagrosa concepção de Cristo). Não se pode deixar de observar como as histórias bíblicas servem de pano de fundo para o romance de Saramago. Mesmo assim, não se deixa de atribuir o místico e nem as ações sobrenaturais à narrativa. Ao longo da narrativa, no entanto, reverbera-se uma questão: seria o romance de Saramago uma versão mais ou menos sobrenatural da história de Cristo? Em outras palavras, é mais ou menos divino dizer que Maria deu à luz ao filho de Deus sendo virgem e sem relação sexual ou que José recebeu o dom da semente divina e teve relações com Maria? Ao afirmar que a "semente de Deus" foi implantada em José, observa-se que a divindade foi anunciada antes. Assim, Jesus nasceu de uma relação sexual, mas a característica da divindade é situada, em Saramago, mais próximo do verossímil. O jogo interpretativo que é apresentado não reside no divino, mas na proximidade do mesmo com o "real", uma vez que é mais convincente acreditar numa semente posta no ser, do que numa gravidez sem semente alguma. *NO Evangelho*, portanto, constata-se menos "sobrenatural" e mais "real" em relação às Sagradas Escrituras. A obra almeja a verossimilhança narrativa, ou seja, "racionalizar a crença" no divino de forma mais verossímil. Na prática, isso significa que Maria não deu à luz sem relação sexual, Jesus nasceu do dom da semente divina imputada a José. Novamente, convoca-se o crer mais real e menos sobrenatural – é mais fácil crer numa gravidez através dos meios convencionais do que numa gravidez não "convencional". Assim, pensando na obra de Saramago, eis o que Costa chama de "novidade", isto é: "Nessa composição há a novidade que provoca estranhamento. A coexistência de um novo ponto de vista sobre a história conhecida e da linguagem do narrador tornam a obra inédita e reveladora" (2008, p. 3).

Seguindo a narrativa, é possível destacar mais elementos do nascimento de Cristo na narrativa, desta vez, da recepção dos pastores (retratados nas escrituras sagradas como os três reis-magos). Enquanto que, na versão bíblica, os pastores presenteiam Jesus com ouro, incenso e mirra, no romance, Jesus recebe outros presentes (que fazem referência ao cruel

destino do qual Jesus foi condenado). O primeiro pastor presenteia Jesus com leite colhido de suas ovelhas, o segundo presenteia Jesus com queijo fabricado do mesmo leite que Jesus ganhou do primeiro pastor (SARAMAGO, 1991). O que é interessante destacar, no entanto, é a presença e o presente do terceiro pastor, vejamos a seguir:

Então, o terceiro pastor chegou-se para diante, num momento parecia que enchia a cova com sua grande estatura, e disse, mas não olhava nem o pai nem a mãe da criança nascida. Com estas minhas mãos amassei esse pão que te trago, com o fogo que só dentro da terra há o cozi. E Maria soube quem ele era (SARAMAGO, 1991, p. 82).

No trecho anterior, a figura do terceiro pastor faz referência ao próprio Diabo que, na narrativa, será personagem fundamental para que Jesus entenda sua essência e descubra que destino o espera. Além disso, o pastor também faz referência ao provérbio popular “O pão que o Diabo amassou”, servindo quase como um presságio do sofrimento que será enfrentado por Cristo.

Em seguimento, outra personagem importante na trama é Maria de Magdala (sobrenome que faz alusão à Madalena, mas, na obra, opta-se por Magdala por conta de sua origem): “O seu nome é Maria, segunda na ordem de apresentação, mas sem dúvida, primeiríssima na importância, se algo significa o lugar central que ocupa na região inferior da composição.” (SARAMAGO, 1991, p. 13). A composição a qual se faz menção é à gravura que se apresenta no primeiro capítulo de sua obra. Essa gravura descreve a crucificação de Jesus, momento em que aparecem as duas Marias que foram coadjuvantes dessa história: Maria (mãe de Jesus) e Maria de Magdala. A importância dada a essa personagem reflete-se na construção humana de Jesus – relação de muita proximidade e de amor. Maria de Magdala é apresentada como uma mulher dada aos prazeres carnis. Assumidamente prostituta, ela atende seus “clientes” na sua própria casa, em troca de dinheiro para sua sobrevivência. Jesus, no entanto, ao atravessar o caminho de Magdala, depara-se com uma encantadora mulher e tão logo se aproxima de forma sedutora, ficando desconsertadamente emocionado. Após o encontro, Jesus pede abrigo à moça, que é acolhido de forma gentil. Na qualidade de ser biologicamente constituído, Jesus reage ao perceber o qual bela e sensual Maria de Magdala é. Seu corpo reage àquela cena: “[...] o corpo de Jesus dá um sinal e incha entre as pernas como todos os homens.” (SARAMAGO, 1991, p. 268). Neste momento, constata-se o auge da naturalidade humana de Jesus, ao aflorar-se como qualquer outro ser. A cena pode transgredir

a versão bíblica de Cristo, causando certo espanto aos religiosos mais tradicionais. Quer dizer, a partir do momento em que se faz uma leitura comparativa, contrastando bíblia e ficção, a cena citada da narrativa pode causar murmúrios polêmicos.

Em suma, descortina-se Jesus, como qualquer homem de carne e osso, agitando-se, excitado com a presença da formosa mulher. “O corpo de Jesus deu um sinal, inchou no que tinha entre as pernas, como acontece a todos os homens e a todos os animais, o sangue correu veloz a um mesmo sítio, a ponto de se lhe secarem subitamente as feridas.” (SARAMAGO, 1991, p. 268). No decorrer da narrativa, contudo, o que acontece entre Jesus e Maria de Magdala é um sentimento maior que o prazer carnal. O amor floresce entre os dois. Em Jesus, por ter descoberto os prazeres da carne; nela, pelo fato de Jesus a tê-la visto não somente como uma prostituta que servia de objeto para os homens da cidade ou para os viajantes que ali passavam, mas como alguém que pudesse oferecer algo que ainda não lhe fora proporcionado.

Desta forma, para Costa (2008), a história de Saramago retrata a trajetória de vida de um Jesus que busca entender a razão de sua existência e dos motivos de ele ter que passar por todos os sofrimentos impostos por Deus a ele. Segundo a autora, Saramago nos apresenta um narrador contemporâneo que reconta a história de Jesus antes da crucificação e com suas características humanas, além de ressaltar que “Jesus nasceu de um corpo e também tem um corpo”. Ainda podemos perceber no romance que essa inserção de Jesus ao “mundo erótico e sexual” poderia ter acontecido bem antes. Em um diálogo com o próprio Diabo, Jesus – ainda pré-adolescente – é quase iniciado sexualmente ao receber a seguinte proposta: “Escolhe uma ovelha, disse. Quê?, perguntou Jesus desnortado, Digo-te que escolhas uma ovelha, a não ser que prefiras uma cabra; Para quê? Vais precisar dela, se realmente não és um eunuco.” (SARAMAGO, 1991, p. 235). Sabe-se que, em determinados contextos rurais, geralmente, pré-adolescentes, ao chegarem na puberdade, precisam lidar com as mudanças hormonais no próprio corpo, ainda mais com a possível excitação que se aflora em alguns, encontrando na zoofilia um “alívio”. Quanto ao próprio Cristo, mais uma vez se identifica uma sobreposição de igualdade ao humano, ou seja, Jesus, como qualquer garoto comum, ao chegar na adolescência, é acometido pelos impulsos sexuais típicos dessa faixa etária.

Jesus homem é passível de todas as dores, de todas as emoções – alegres ou tristes – e, como qualquer ser humano, comete erros e acertos. A longa conversa com Diabo pelo

deserto, elucida bem o encontro de Jesus com sua consciência humana. O romance, nesse sentido, utiliza-se do narrador contemporâneo enquanto estratégia, como aponta Costa (2008), para trazer “as boas novas” de um Jesus Cristo exacerbadamente humanizado. Esse narrador é profundamente conhecedor dos textos bíblicos, pois, ao passo que conta uma “história antiga”, inscreve um Jesus mais próximo da concepção humana, talvez porque uma personagem mais humana seria muito mais aceitável por nós. Finalmente, lê-se um romance que parece estar incomodado com toda uma mistificação em torno da figura de Cristo, demonstrando que é possível conjecturar um Jesus-homem que passa por todas as provações que lhe são destinadas e questiona seus algozes.

Outrora citamos brevemente o papel de Deus na narrativa, porém sua figura também merece ser detalhada, assim como sua relação com seu filho. De início, Deus é apresentado na narrativa como sedento por poder. Para Costa (2008), Deus aparece na obra enquanto um ser que se utiliza do filho com o intuito de aumentar sua popularidade. Isso é feito de forma impositiva e dada como destino a Jesus. Deus, dessa forma, castiga, humilha e impõe sua vontade perante os homens. O filho, contudo, por sua constituição humana, aceita o destino que lhe é imposto, uma vez que, em sua busca por suas origens, depara-se com um misticismo, restando-lhe aceitar imposições e, apesar delas, tentar viver da melhor forma.

Não é apenas nesse momento que a constituição humana de Cristo é enfatizada. O filho de Deus sente culpa ao descobrir que foi salvo pelo pai, durante a tentativa de Herodes em matá-lo. Mesmo sem saber que era filho de Deus, Jesus sente-se culpado pela morte das 25 crianças que morreram em seu lugar. Essa culpa vai percorrer a vida de Jesus por um longo tempo. O que se percebe é que os “sentimentos humanos” estão cada vez mais aflorados na personagem. A narrativa, portanto, vai estabelecendo um simulacro de uma realidade mais palpável e o mesmo se aplica a construção de Jesus Cristo no romance, incitando o leitor a ver o quanto esse personagem viveu intensamente tantas mazelas e saboreou o amargo destino que lhe foi imposto.

Conclusão

O *Evangelho Segundo Jesus Cristo* é uma obra que navega entre o místico, o sagrado e o religioso, em contraponto com o profano, o real e o humano. O que se pretendeu

aqui neste estudo foi tentar entender a formação do protagonista Jesus Cristo. A narrativa busca aproximar Cristo da humanidade e repassar suas sensações experimentadas. Cristo é capaz de sentir tudo que um homem comum pode sentir. A figura de Cristo é retratada na linha tênue de cumprir com seu árduo destino ou ser um rei amado pela humanidade. Contudo, ao experimentar a vida humana, todo seu caráter e sua personalidade são definidos através da convivência com os outros personagens.

Por fim, a obra carrega uma carga simbólica latente em sua estrutura narrativa e em sua estruturação de sentidos. Assim como nos apresenta um protagonista capaz de ser comparado com alguém possível de existir. Jesus é, portanto, humano, capaz de tomar decisões certas e erradas, sempre em busca de acertos. Concernentemente, toda a carga emocional depositada em Jesus é um peso árduo que é muito comum ao ser humano. Por isso, o valor *sui generis* desta obra à humanidade.

Referências

- COSTA, Cibele Lopresti. A personagem Jesus em O Evangelho Segundo Jesus Cristo de José Saramago, e a (re)significação de valores na contemporaneidade. **Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC**. São Paulo, 2008.
- COELHO, Ana Célia. SANTOS, Ediléia Pereira dos. MACÊDO, Graciely Cândido. ARAUJO, Joseane de Jesus Pereira. Jesus Cristo humanizado em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*: Releitura crítica da história bíblica. **Revista Graduando**, n. 2, jan./jun. Feira de Santana – Bahia, 2011.
- VELOSO DE ABREU, A. Narratologia e meta-historiografia: estratégias convergentes no romance A gloriosa família de Pepetela. **Scripta**, v. 14, n. 27, p. 29-35, 10 dez. 2010.
- VIEIRA, Matheus Silva; LEMOS, Tércia Montenegro. A desconstrução dos personagens bíblicos em o evangelho segundo Jesus Cristo. In: ENCONTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM HUMANIDADES, 2. 2011, Fortaleza. **SEMANA DE HUMANIDADES**, HUMANIDADES: ENTRE FIXOS E FLUXOS, 8., 2011, Fortaleza. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará; Universidade Estadual do Ceará, 2011, p. 1-14.
- SARAMAGO, José. **O Evangelho Segundo Jesus Cristo**. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

WHITE, Hayden. **Meta-história**: a imaginação histórica do século XIX. São Paulo: Editora USP, 1995.

THE HUMAN FIGURE OF JESUS CHRIST IN THE WORK THE GOSPEL ACCORDING TO JESUS CHRIST, BY JOSÉ SARAMAGO

Abstract

The story of Jesus Christ has always been a subject addressed by the most diverse religious entities, as well as texts considered sacred. The Christian bible, for example, is the most famous text and an unquestionable example of the life narrative of the savior figure. Because of their unquestionable value, the biblical accounts have always been seen as the only version of Jesus' life. However, in *The Gospel According to Jesus Christ*, José Saramago proposes to create a new version of the events and life of this character. The author, consequently, graces us with a work of inestimable value for literature. In this way, the present work seeks to analyze the construction of the character Jesus Christ in Saramago's work, cited above, observing how the character, although surrounded by sanctity, is human, like any other. Saramago, in his novel, teaches us that even Jesus Christ, the representational being of the purest perfection, was, however, passive of everything that can affect the human experience – a Jesus-man.

Keywords

Saramago. Jesus Christ. Human. Literature.

Recebido em 24/09/2022

Aprovado em 28/03/2023